



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

DEUS PERDEU A ELEIÇÃO?

Marcos Roberto Inhauser

Nunca antes uma eleição no Brasil esteve tão religiosamente promovida como a que no último domingo tivemos. O segmento evangélico (entendido aqui como formado pelos protestantes, pentecostais e neopentecostais) que por quase um século amargou a condição de ser minoritário, nas últimas duas décadas cresceu e percebeu que tinha condições de fazer valer seu crescimento via participação política.

Com isto, vimos nas últimas eleições os primeiros candidatos a prefeito, deputado, senador e governador se apresentando ao eleitorado como evangélicos. Alguns, como foi o caso de vereadores de Campinas, entenderam que por serem evangélicos e terem sido eleitos, passavam a ser os “legítimos representantes dos evangélicos na Câmara”, o que foi refutado por parcela expressiva de pastores da cidade e por mim nesta coluna.

Já houve evangélicos na política anteriormente: Camilo Ashcar, Carlos René Egg, Osni Silveira, Flamínio Fávero, Lisâneas Maciel, Elias Abrão entre outros. No âmbito da cidade de Campinas, Oliveiros Valim e Lindenberg são outros exemplos. Uma coisa característica destes era que, sendo evangélicos, pautaram suas atuações parlamentares no sentido do interesse maior da nação, estado ou cidade que representavam e não os interesses particulares do seu grupo religioso. Exemplo mais recente disto é a governadora Benedita da Silva.

Mas a novidade neste último pleito foi a forma explícita com que candidatos usaram da sua condição de religiosos para levantar votos. Uma das razões é que nunca antes o segmento evangélico teve a oportunidade de ter um candidato a presidente declaradamente evangélico. No entanto, uma coisa já chamava a atenção: sendo membro de uma igreja presbiteriana, esta não lhe deu apoio institucional, mas ele o recebeu de uma outra denominação pentecostal. Mais que isto, a julgar pela avalanche de e-mails e cartas que recebi, havia na candidatura presidencial um quê de euforia do segmento pentecostal e neopentecostal, acreditando ser Anthony Garotinho o escolhido de Deus para “livrar a nação da idolatria e do espiritismo”. Várias das mensagens apresentavam “revelações” que “profetisas” e “profetas” tiveram, nas quais se evidenciava que Deus havia escolhido a Garotinho para ser o Seu eleito. Em uma delas, a vidente teve a “revelação” através de um sonho onde um anjo tirava a bandeira nacional a expressão “Ordem e Progresso” e a substituía por “Reina o Senhor”. Em um outro e-mail me diziam que o candidato era a manifestação visível da vitória sobre as forças espirituais malignas, tantas vezes profetizadas por pastores consagrados que tomaram posse de cidades em nome de Jesus. O candidato ao governo de São Paulo, Apolinário, usou como bordão na sua campanha “São Paulo nas mãos de Deus”.

Com o resultado das eleições e a não eleição de Garotinho, nem de Apolinário, nem de Lamartine, nem de Cabrera, nem de Benedita, como ficam os que profetizaram em nome de Jesus a vitória destes candidatos? Se a eleição do Apolinário era entregar São Paulo nas mãos de Deus, significa que a eleição de Alckmin ou Genoíno é entregar São Paulo a quem? A Satanás? Se eram os escolhidos de Deus e não foram eleitos, Deus perdeu a eleição?

Estes são exemplos de como não se deve fazer política e muito mais: exemplos de como não se deve misturar fé com política. A fé deve ser cidadã, mas usar da fé para legitimar este ou aquele candidato é blasfemar.

Accesse também www.inhauser.com.br / www.pastoralia.com.br / www.igrejadairmandade.org.br